

Elas por elas: a cobertura noticiosa do futebol de mulheres em podcasts brasileiros de 2018 a 2022

The News coverage of female football in Brazilian podcasts from 2018 to 2022

Rafaela Cristina de Souza

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Mestranda em Comunicação Social, UFMG
souzacrafaela@gmail.com

Flaviane Rodrigues Eugênio

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Mestranda em Comunicação Social, UFMG

Ana Carolina Vimieiro

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorado em Comunicação, Queensland University of Technology, Austrália

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo principal analisar experiências de comunicação alternativa sobre o futebol de mulheres e que são produzidas por mulheres. A justificativa para a presente investigação está ligada a lacunas que existem no campo dos estudos sobre esporte, que ainda são muito dedicados à mídia esportiva hegemônica e não utilizam categorias de análise típicas dos estudos do jornalismo. Dessa forma, este trabalho parte de um mapeamento de 48 iniciativas de comunicação exclusivamente ou majoritariamente conduzidos por mulheres sobre o futebol de mulheres para, então, focar em cinco dos nove podcasts identificados nesse processo. São eles: Dibradoras, Planeta Futebol Feminino, Empório do Esporte Feminino, De Primeira e Podcast das Marias. Nesta análise, utilizamos estratégias metodológicas da análise de conteúdo e focamos em categorias tradicionais do campo do jornalismo como temas, tipos de enquadramento, fontes, gênero das fontes e dos autores.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de mulheres; Mídia esportiva; Esporte e gênero; Podcasts.

ABSTRACT: This work aims to analyze alternative communication experiences about women's football that are produced by women. The justification for the present investigation is linked to gaps that exist in the field of sports studies, which are still very dedicated to the hegemonic sports media and do not use categories of analysis typical of journalism studies. Thus, this work starts from a mapping of 48 communication initiatives exclusively or mostly conducted by women about women's football to focus on five of the nine podcasts identified in this process. They are: Dibradoras, Planeta Futebol Feminino, Empório do Esporte Feminino, De Primeira and Podcast das Marias. In this analysis, we use methodological strategies of content analysis and focus on traditional categories in the field of journalism such as themes, types of framing, sources, sources and authors.

KEYWORDS: Female football; Sports media; Sports and gender; Podcasts.

INTRODUÇÃO

Já há algumas décadas, a literatura internacional e nacional tem analisado a representação de mulheres na mídia esportiva. Na literatura internacional de língua inglesa, esses estudos têm início na década de 1970.¹ Já no Brasil, as representações de gênero na mídia esportiva são estudadas desde a década de 1990.² Em levantamento recente das publicações sobre gênero e esporte em periódicos brasileiros do período de 2000 a 2020, o tema da mídia esportiva foi o terceiro com o maior número de ocorrências em um corpus de análise que incluía 174 artigos.³ Grande parte desses estudos olha para a forma como as mulheres atletas são representadas, mas há também pesquisas sobre as mulheres do jornalismo esportivo e as representações de torcedoras. A maior parte dessas pesquisas é sobre o futebol.

Este artigo busca preencher algumas lacunas dessa literatura já razoavelmente vasta. Primeiro, a imensa maioria desses estudos se dedica a estudar veículos considerados hegemônicos, tradicionais ou corporativos e está focada em grandes eventos, como os Jogos Olímpicos de Verão ou Copa do Mundo,⁴ pois são nesses momentos que o futebol de mulheres e as modalidades femininas no geral recebem mais atenção. Isso causa dois problemas, a nosso ver: o foco na mídia hegemônica, sobretudo a de alcance nacional, pode significar que estamos olhando para espaços onde não estão exatamente as narrativas midiáticas sobre as mulheres do esporte e, em particular, as mulheres do futebol, além de não sabermos muito sobre a cobertura cotidiana dedicada às modalidades.

Assim, nossa proposta aqui é analisar experiências de comunicação mais alternativas, chamadas por vezes de periféricas, contra-hegemônicas, independentes, comunitárias e progressistas, ainda que aqui não partamos do pressuposto que o conteúdo em si dessas propostas se diferenciam completamente daquilo que é visto como

¹ BRUCE et al. Key themes in the research on media coverage of women's sport, p. 6.

² DEVIDE et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. p. 170.

³ VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020), no prelo.

⁴ FORTES. Estudos de esporte na área de comunicação, p. 589.

hegemônico. Como veremos abaixo, um dos nossos achados é a reprodução de enquadramentos e modos de narrar similares à mídia hegemônica entre essas experiências de comunicação. Nossa noção inicial do “não hegemônico” tem a ver com a organização econômica desses projetos, que contam com formas de monetização típicos da economia digital e menos alinhados a práticas convencionais das grandes corporações de Comunicação brasileiras, como Grupo Globo, Grupo Abril e Grupo Folha. Nosso foco são podcasts produzidos por mulheres sobre o futebol de mulheres, analisando a cobertura regular dedicada à modalidade.

A segunda lacuna importante que buscamos abordar é que, apesar da maior parte desses estudos analisarem uma textualidade midiática específica, que é o jornalismo esportivo, grande parte dessas pesquisas o tratam de forma genérica, pouco importando se se trata de textos publicados em jornais impressos, revistas, TV, rádio, ou portais. Em trabalho recente, apontamos que nessa subárea não são utilizadas categorias de análise típicas dos estudos do jornalismo como, por exemplo, tipos de fontes, autoria e enquadramentos.⁵ Mesmo a editoria dos textos não está clara em alguns estudos (infere-se que é o caderno esportivo, mas não necessariamente textos sobre esporte são publicados nesta editoria). Acreditamos que isso tem relação com a tímida presença de pesquisadoras e pesquisadores da Comunicação nessa subárea.⁶ Aqui, então, estamos interessadas em compreender esses projetos a partir de categorias típicas do campo de estudos do jornalismo, o que inclui entender em que medida a produção dessas textualidades sobre mulheres e por mulheres tem impactos no tipo de conteúdo produzido.

Assim, este artigo busca analisar experiências de comunicação não hegemônicas, que se dedicam a cobrir regularmente o futebol de mulheres e que afloraram no Brasil nos últimos anos. Para isso, fizemos um esforço de mapeamento dessas iniciativas, usando estratégias do campo dos métodos digitais,⁷ e encontramos 48

⁵ VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. *Estudos sobre mídia, gênero e esporte no Brasil* (no prelo).

⁶ VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020).

⁷ VIMIEIRO; BARGAS. O uso de dados e métodos digitais nas pesquisas em comunicação. D'ANDRÉA. *Pesquisando plataformas online*, p. 13. ROGERS. *Digital Methods for Web Research*, p. 1.

projetos dedicados ao futebol de mulheres que englobam uma diversidade de formatos, como aqueles majoritariamente textuais (blogs e perfis no Medium), audiovisuais (YouTube, TikTok e Instagram) e sonoros (podcasts). Este manuscrito explora os podcasts, visto a importância histórica de práticas comunicativas sonoras na mediação do nosso contato com o universo esportivo no Brasil, com destaque para os formatos radiofônicos. A popularidade dos podcasts tem aumentado desde 2018, quando plataformas de streaming como Spotify e Deezer passaram a investir pesado no formato, e se acelerou durante a pandemia, segundo pesquisa do Itaú Cultural e DataFolha, que aponta que, em 2021, 56,7 milhões de brasileiros consumiam podcasts, o que representa 39% da população foco do estudo (entre 16 e 65 anos). A porcentagem cresce para 61% na faixa dos jovens, entre 16 e 24 anos.⁸

Neste mapeamento, identificamos nove podcasts produzidos sobre a modalidade, a maioria criados depois de 2019. Focamos numa segunda etapa na análise de conteúdo dos episódios de cinco projetos, selecionados em função da quantidade de episódios e regularidade. São eles: Dibradoras, Planeta Futebol Feminino, Empório do Esporte Feminino, De Primeira e Podcast das Marias. No total, essas iniciativas englobam 455 episódios, produzidos entre 2018 e 2022 (até setembro). Nossa análise trabalhou com os resumos dos episódios disponibilizados em plataformas de streaming pelas próprias produtoras e na escuta daqueles episódios que não possuíam resumo.

Na análise, utilizamos estratégias típicas da análise de conteúdo e focamos em categorias tradicionais do campo do jornalismo como temas, tipos de enquadramento, fontes, gênero das fontes e dos autores. Alguns resultados chamam a atenção como: a presença significativa de uma cobertura rotineira da categoria, através da presença dos temas “Cotidiano” e “Análises”; a presença de fontes de informação mulheres em mais de 60% dos episódios; assim como diferenças e semelhanças entre os diferentes projetos, que possuem formatos mais tradicionais e outros mais inovadores. Refletimos sobre os achados no diálogo com outras pesquisas nacionais e internacionais sobre o assunto.

⁸ LOSIVI. Popularidade do podcast sobe no isolamento social.

Este artigo está assim organizado: a próxima seção faz uma breve revisão da literatura internacional e nacional sobre as representações de mulheres na mídia esportiva. Na sequência, apresentamos nosso desenho metodológico, para depois apresentar os achados em diálogo com dados de outras pesquisas. O artigo é finalizado com uma seção de Considerações Finais onde refletimos sobre essas experiências de comunicação e a importância de estudos dessa natureza.

AS MULHERES NA MÍDIA ESPORTIVA: UMA BREVE REVISÃO

Como indicado na introdução, na literatura internacional de língua inglesa, os estudos sobre representações de mulheres na mídia esportiva, particularmente de mulheres atletas, têm início na década de 1970.⁹ Toffoletti¹⁰ divide esses estudos entre aqueles mais preocupados com a quantidade de cobertura dedicada às modalidades femininas e aqueles dedicados a analisar a qualidade dessa cobertura. Ela explica que no caso dos primeiros os resultados indicam que apesar do aumento de participação das mulheres nos esportes, a cobertura tanto na mídia impressa quanto eletrônica permanece baixa. Alguns estudos também indicam que as reportagens especiais na televisão, aquelas que são mais longas e mais produzidas, são sobretudo sobre os homens e esportes masculinos.¹¹ Alguns estudos têm indicado que durante megaeven- tos como as Olimpíadas a mídia presta mais atenção nas modalidades femininas do que rotineiramente, mas ainda assim a distribuição tende a não ser equânime.¹²

Os estudos na literatura internacional de língua inglesa que se dedicam a olhar para *como* a mídia esportiva representa as mulheres tem natureza qualitativa e apontam que apesar do aumento de visibilidade das mulheres no esporte, essas são representadas de formas banalizadas que diminuem suas conquistas, reproduzindo privilégios masculinos.¹³ Alguns dos mecanismos opressores identificados nessa literatura são: enfoque na sexualidade como um meio de objetificar atletas;

⁹ BRUCE et al. Key themes in the research on media coverage of women's sport, p. 10.

¹⁰ TOFFOLETTI. Analyzing media representations of sportswomen, p. 199.

¹¹ COOKY; MESSNER; HEXTRUM. Women play sport, but not on TV, p. 218.

¹² BRUCE et al. Key themes in the research on media coverage of women's sport, p. 1.

¹³ TOFFOLETTI. Analyzing media representations of sportswomen, p. 200.

infantilização, ao chamá-las de “girls” para posicioná-las como inferiores, fracas e inadequadas para as demandas físicas do esporte; representação de mulheres que possuem corpos fortes e musculosos como “anormais” e não femininos, o que associa de forma negativa mulheres de esportes “masculinizados” a identidades sexuais “desviantes” e, como consequência, naturaliza a masculinidade heterossexual como o ideal atlético; e a representação de mulheres em papéis heteronormativos femininos como esposas, namoradas e mães.

No Brasil, as representações de gênero na mídia esportiva são estudadas desde a década de 1990.¹⁴ Assim como internacionalmente, percebemos também uma preocupação com a quantificação do espaço dado às mulheres no noticiário esportivo e com a forma como essa presença ocorre por aqui. A partir da primeira perspectiva, os estudos apontam, por exemplo, que os homens assinam a imensa maioria das notícias (93% x 7% de mulheres) assim como são as principais fontes ouvidas na cobertura esportiva (74% x 26%).¹⁵ No Brasil, as pesquisas apontam também para um aumento substancial de notícias sobre o futebol feminino na comparação pré-megaeventos e durante os eventos.¹⁶ Em 2004, nos Jogos Olímpicos de Atenas, esse aumento foi de 2000% nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.¹⁷

Os estudos que se preocupam com a qualidade ou como essas mulheres são retratadas identificam alguns mecanismos opressores (muito similares, inclusive, ao que a literatura internacional identifica): a definição do feminino pelo masculino, através de expressões como “Marta é o Pelé de saias”;¹⁸ formas de infantilização, ridicularização e diminuição da capacidade e excelência esportiva de atletas mulheres ao chamá-las de “meninas”;¹⁹ enfoque na sexualidade como meio de objetificar atletas;²⁰ representações de mulheres que possuem corpos fortes como “anormais”, associando-os também com identidades sexuais desviantes e/ou tentativas de des-

¹⁴ DEVIDE et al. Estudos de gênero na educação física brasileira, p. 3.

¹⁵ JOHN. Jornalismo esportivo e equidade de gênero, p. 489.

¹⁶ GONÇALVES. *O futebol de mulheres na mídia*, p. 23.

¹⁷ MARTINS; MORAES. O futebol feminino e sua inserção na mídia, p. 69.

¹⁸ COSTA. Marta versus Neymar, p. 1.

¹⁹ CAFEO. *Guerreiras ou meninas*, p. 30.

²⁰ FERRETTI. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim, p. 117.

construção dessa imagem através da feminização desses corpos para torná-los atra-
tivos a um público heterossexual;²¹ representação de mulheres em papéis hetero-
normativos, sobretudo numa essencialização da maternidade como destino e as-
sunto feminino “obrigatório” em programas voltados para esse público.²² Mais re-
centemente, Goellner²³ também traz um balanço de novas estratégias adotadas pe-
las mulheres para continuar vivendo e falando sobre a modalidade no Brasil. Nesse
sentido, a autora apresenta alguns estudos que trazem uma atualização do futebol
de mulheres praticado no país, especialmente a partir dos anos 2000, e demonstra
como “o futebol é profundamente atravessado pelas questões de gênero”.²⁴

Temos também por aqui uma gama de estudos historiográficos sobretudo so-
bre o futebol feminino que indicam representações diversas ao longo do tempo:²⁵
das articulações com o exótico e peculiar no início do século XX, passando pela cri-
minalização do período de 1940 a 1960, chegando à erotização e branqueamento
das décadas de 1980 e 1990, e à mulher forte dos últimos anos.

Alguns estudos merecem uma exploração mais detida por aqui por justa-
mente dialogarem com nosso objetivo de utilizar categorias típicas dos estudos do
jornalismo. Esse é o caso da pesquisa internacional comparativa *The International
Sports Press Survey (ISPS)*,²⁶ levantamento que já teve duas edições (2005, 2011), e
que aponta para uma série de questões envolvendo o jornalismo esportivo, particu-
larmente o praticado pela imprensa hegemônica. O ISPS²⁷ de 2011 apontou, por
exemplo, que apenas 8% das notícias da imprensa esportiva de 22 países, incluindo
o Brasil, são assinadas por mulheres. Além disso, 85% da cobertura esportiva foca

²¹ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980-1990, p. 95. SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Notoriedade mundial e visibili-
dade local, p. 144. SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Registros do futebol feminino na revista *Placar*,
p. 99. GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades, p. 143.

²² MÜHLEN; GOELLNER. Jogos de gênero em Pequim 2008, p. 165. FIUZA; PRADO. A cons-
trução de sentidos no programa Olhar espnW, p. 2.

²³ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências, p. 9.

²⁴ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências, p. 9.

²⁵ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 25. AL-
VINI; MARCHI JÚNIOR. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os
anos de 1980-1990, p. 96. MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso
da mídia impressa em campo, p. 1.

²⁶ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 1.

²⁷ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 2

em atletas de modalidades masculinas. Mas os problemas não param por aí. O jornalismo esportivo não escuta fontes, quando as escuta elas são todas do mesmo tipo (internas ao campo esportivo), tem uma falta de diversidade temática e de enquadramentos, além de focar a cobertura apenas naquilo que ocorre dentro de campo. Os dados apontam que 26% das notícias não ouvem nenhuma fonte, 41% escutam uma fonte, 19% duas e 12% três ou mais fontes. Entre as fontes que são ouvidas, 60% vêm do próprio campo esportivo (atletas, técnicos, dirigentes de clubes). Não à toa, Rowe²⁸ considera que o jornalismo esportivo produz um modo insular de narrar o mundo: não se ouve especialistas de outros campos, que possam oferecer explicações complementares para os fatos que acontecem no esporte.

É por isso também que o jornalismo esportivo não goza de uma grande reputação, sendo frequentemente chamado de “departamento de brincadeira da mídia” (no original, *the toy department of the news media*).²⁹ Várias críticas têm sido feitas ao jornalismo esportivo como, por exemplo, o fracasso em se engajar sistematicamente e criticamente nos papéis de “vigilância” e de investigação que são cruciais para a profissão³⁰ e uma certa incapacidade de politizar questões importantes no esporte.³¹ Por fim, uma outra crítica apontada por Rowe³² é justamente a dominância de enquadramentos episódios, centrados no factual, na cobertura esportiva. Os dados do ISPS³³ suportam tal afirmação: 80% dos artigos analisados focaram nos jogos e performance dos atletas em competições. Enquadramentos temáticos, que buscam problematizar questões, pensar em termos de problemas e possíveis soluções, grandes reportagens com abordagens mais amplas que pensam o esporte na relação com a sociedade são praticamente inexistentes: menos de 3% discutem as questões políticas do esporte, 1,4% falam de esporte amador, etc.

Análises mais recentes demonstram que algumas coisas têm mudado. Leal,³⁴ por exemplo, em uma análise dos valores-notícias presentes na cobertura do futebol

²⁸ ROWE. Sports journalism: still the “toy department” of the news media?, p. 385.

²⁹ ROWE. Sports journalism, p. 388.

³⁰ BOYLE. *Sports journalism: context and issues*, p. 8. ROWE. Sports journalism, p. 389.

³¹ VIMIEIRO; MAIA. Campanhas cívicas e protestos de torcedores.

³² ROWE. *Sports journalism*, p. 390.

³³ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 3.

³⁴ LEAL. *Noticiabilidades na Placar*, p. 167.

de mulheres realizada pela revista *Placar* entre 1992 e 2019 mostra algumas mudanças, especialmente depois de 2014, período em que o autor constata que houve maior amadurecimento e naturalização da figura da mulher como uma profissional do futebol”.³⁵ Além disso, outros estudos que analisam a própria mídia alternativa e a sua relação com a cobertura midiática do futebol de mulheres trazem, principalmente, o papel importante do projeto Dibradoras na amplificação de informações sobre o futebol e também sobre outras modalidades praticadas por mulheres.³⁶

Outra análise que também indica algumas alterações no jornalismo esportivo em relação às modalidades praticadas por mulheres foi conduzida pelo Observatório Marta,³⁷ da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),³⁸ que encontrou uma cobertura rotineira significativa de modalidades femininas, sobretudo do futebol, em veículos brasileiros. O estudo englobou 862 notícias publicadas entre junho de 2020 e maio de 2021 em cinco meios de comunicação específicos (O Globo, Folha de São Paulo, Globo Esporte, Uol Esportes e Dibradoras) e num conjunto diverso de veículos alternativos incluídos na pesquisa através do Google News. As notícias coletadas versavam sobre a presença de mulheres no esporte, incluindo a cobertura das modalidades femininas, mas também notícias sobre árbitras, torcedoras, gestoras, entre outras. Nestes textos, vemos uma presença mais significativa de mulheres como autoras das notícias do que apontam os dados da ISPS:³⁹ 25,3% eram assinadas por mulheres, 27,3% por homens, 2,1% co-assinadas por homens e mulheres e 44,3% não tinham autoria (sendo acompanhadas, frequentemente, da assinatura “Redação”). Essas notícias também apresentavam mais mulheres como fontes do que os dados de John:⁴⁰ 55,2% dos textos tinham pelo menos uma fonte feminina e 21% tinham pelo menos uma fonte masculina. Além dessas categorias, a investigação, de cunho mais quantitativo, também utilizou outras como tema, enquadramento, modalidade e tipos de imagem.

³⁵ LEAL. *Noticiabilidades na Placar*, p. 167.

³⁶ FIRMINO. Empoderamento e relações de poder, p. 33. LIMA; JANUÁRIO; LEAL. “Dibrando” a mídia hegemônica, p. 7.

³⁷ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 15.

³⁸ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 10.

³⁹ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 3.

⁴⁰ JOHN. Jornalismo esportivo e equidade de gênero, p. 500.

DESENHO METODOLÓGICO E EXPLORAÇÃO INICIAL

Para investigar e compreender as experiências comunicativas que se dedicam ao futebol de mulheres, realizamos um mapeamento inicial a partir da rede social Instagram, a fim de encontrar projetos dedicados à cobertura da modalidade no Brasil. Essa busca por perfis se iniciou em agosto de 2021, a partir da criação de uma nova conta plataforma apenas para isso e da escolha inicial de alguns projetos que já conhecíamos para seguir, como o Dibradoras e o Podcast das Marias. A partir dessa pequena seleção inicial, contamos com o auxílio do próprio algoritmo do Instagram, que sugeria novos perfis parecidos. Nossa estratégia teve inspiração no campo dos métodos digitais, particularmente no trabalho de Rogers⁴¹ que sugere a reapropriação dos serviços digitais, suas lógicas e algoritmos para a pesquisa social.

A partir dessa estratégia, chegamos a um total de 126 contas dedicadas ao futebol de mulheres. No entanto, a partir de uma nova análise de todos os perfis, chegamos ao quantitativo final de 48 contas que se encaixavam nos critérios da análise, quais sejam: projetos que falam do futebol de mulheres e que são feitos, em sua totalidade ou maioria, por mulheres.

Depois desse mapeamento inicial, foi feita uma exploração das experiências de comunicação, a partir da análise do tipo de cobertura realizada por cada iniciativa, além do conteúdo produzido e de quem são as produtoras desses conteúdos. Conforme discutido em trabalho anterior,⁴² a maioria dos projetos se dedica a cobertura nacional e internacional. Em menor quantidade, também encontramos perfis que se dedicam a apenas um clube específico e, ainda, os que cobrem o futebol de mulheres em alguma região do Brasil. Outro ponto que nos chamou a atenção nessa primeira análise foi a presença de projetos “mistos”, ou seja, que se dedicam tanto ao futebol de mulheres quanto ao futebol praticado por homens. Dos 48 projetos mapeados, oito são dedicados às duas modalidades.

⁴¹ ROGERS. *Digital Methods for Web Research*, p. 1.

⁴² EUGÊNIO; SOUZA; VIMIEIRO. *Análise da cobertura midiática alternativa sobre o futebol feminino*, p. 11.

SEGUNDA ETAPA: IDENTIFICANDO OS PODCASTS SOBRE O FUTEBOL DE MULHERES

A partir dessa exploração inicial, identificamos uma variedade de podcasts produzidos sobre a modalidade, especialmente depois de 2019, com a realização da Copa do Mundo de Futebol Feminino da França. Na tabela 1, apresentamos as informações sobre os nove podcasts encontrados no mapeamento, sendo oito dedicados ao futebol nacional e internacional e um dedicado a um clube específico, o Podcast das Marias (Cruzeiro Esporte Clube):

Podcast	Foco	Início do podcast	Total de episódios	2018	2019	2020	2021	2022
Anônimas	Nacional e Internacional	2021	39	0	0	0	26	13
De Primeira - Futebol Feminino	Nacional e Internacional	2020	229	0	0	76	96	57
Dibradoras	Nacional e Internacional	2019	42	0	13	29	0	0
Empório do Esporte Feminino	Nacional e Internacional	2019	54	0	15	23	12	4
Fut das minas	Nacional e Internacional	2019	52	0	10	25	17	0
Planeta Futebol Feminino	Nacional e Internacional	2020	59	0	0	12	34	13
Podcast das Marias	Clubes	2018	71	31	34	3	3	0
Salto na área	Nacional e Internacional	2021	17	0	0	0	17	0
Sem Barreira - Futebol Feminino	Nacional e Internacional	2019	86	0	59	23	4	0

Tabela 1 - Podcasts sobre o futebol de mulheres. Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Analisando esse período a partir do número de episódios dos nove podcasts encontrados, percebemos que o aumento na audiência, registrado no evento de 2019,⁴³ também refletiu na produção de novos formatos de cobertura da modali-

⁴³ Disponível em: <https://shre.ink/l2sO>. Acesso em: 25 fev. 2023.

dade. Em 2018, existia apenas uma iniciativa sonora dedicada ao futebol de mulheres, ao passo que em 2019 passou a existir cinco e, em 2020, mesmo sendo um ano marcado pela pandemia da Covid-19, com jogos e campeonatos paralisados em todo o mundo, sete dos nove podcasts produziram algum episódio.

Em 2021, tivemos oito programas ativos e, em 2022, até a finalização da segunda etapa de análise do mapeamento (setembro de 2022), quatro podcasts tiveram algum episódio publicado. Nesse sentido, é importante destacar que, como apontam Vieira e Rodrigues,⁴⁴ a pandemia intensificou a condição de precarização das mulheres no futebol, a partir do corte de salários e diversas instabilidades vivenciadas por elas. As autoras também ressaltam que a própria cobertura da mídia sobre o futebol de mulheres diminuiu nesse período, ao contrário do futebol masculino, que teve diversas alternativas para suprir o cancelamento dos jogos pela pandemia de Covid-19.⁴⁵

Dessa forma, apesar da falta de visibilidade nos veículos considerados tradicionais, percebemos que, no caso dos podcasts analisados, houve um crescimento de 45% no número de episódios publicados no primeiro ano da pandemia em relação a 2019. Já no ano seguinte, em 2021, houve um aumento de 9% no número de episódios publicados, o que mostra que os projetos continuaram ativos apesar de todos os impactos causados pela pandemia.

Como o trabalho não inclui uma análise específica sobre as motivações e possíveis problemas que envolvem a produção desses projetos e as próprias dinâmicas de monetização de cada um, não é possível fazer muitas afirmações sobre esse crescimento ou sobre a falta de produção em determinados períodos, como durante a pandemia da Covid-19. No entanto, vale ressaltar que muitos deles dependem do apoio de pessoas que acompanham as iniciativas, como o De Primeira – Futebol Feminino que, em 2021, passou a inserir uma chave PIX na descrição de seus episódios para apoio aos programas do Planeta Futebol Feminino que são disponibilizados no De Primeira. Além disso, o Planeta conta com algumas parcerias que contribuem para a manutenção dos canais do projeto, como o site de apostas Sportbet.io e a rede

⁴⁴ VIEIRA; RODRIGUES. *Fora de jogo?*, p. 112.

⁴⁵ VIEIRA; RODRIGUES. *Fora de jogo?*, p. 121.

digital de esportes do Brasil NWB. Outro exemplo é o Empório que também possui uma página na plataforma de financiamento coletivo Catarse.

TERCEIRA ETAPA: ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS PODCASTS

A partir dessas etapas iniciais da investigação, utilizamos a análise de conteúdo⁴⁶ para a etapa final do trabalho. Para isso, selecionamos cinco dos nove podcasts apresentados anteriormente para uma análise mais específica, com o objetivo principal de compreender as particularidades de cada uma das iniciativas encontradas.

Tema principal do episódio	Descrição
Cotidiano	Episódios com foco principal em informações sobre os jogos, competições, rotina das atletas e convocações.
Análises	Episódios com foco em análises pré e após a realização dos jogos e competições, além de análises focadas em premiações e convocações da comissão técnica.
Desigualdade	Episódios com foco em assuntos ligados à desigualdade que as jogadoras enfrentam no futebol.
Assédio/Discriminação	Episódios com foco em denúncias e/ou reflexões sobre situações de violência e discriminação de gênero e raça envolvendo as atletas, comissão técnica, arbitragem.
Jornalismo esportivo	Episódios com reflexões sobre o próprio jornalismo esportivo.
História	Episódios com foco em relembrar pontos marcantes da história da modalidade e/ou de atletas, comissão técnica, etc.
Outros	Episódios que fogem das demais categorias de análise.

Tabela 2 - Categorização por tipo de tema.

Fonte: Elaborado pelas autoras com referência no Observatório Marta (2023).

A saber, os cinco projetos escolhidos foram: Dibradoras, Planeta Futebol Feminino, Empório do Esporte Feminino, De Primeira e Podcast das Marias, sendo, os quatro primeiros sobre o futebol nacional e internacional e, o último, sobre o clube mineiro Cruzeiro. Após a coleta e a organização de todos os episódios dos cinco podcasts, realizamos a análise de conteúdo a partir do resumo e do título de cada episódio disponível no Spotify. Essa organização só não foi possível em alguns episódios do Empório e do

⁴⁶ BARDIN. *Análise de conteúdo*, p. 229.

Planeta, pois os resumos estavam incompletos. Nesse caso, precisamos ouvir os primeiros minutos dos episódios para realizar a etapa de categorização.

A Tabela 2 mostra essa categorização por tema feita nessa fase do trabalho. A escolha dos temas e as descrições foi elaborada a partir da proposta do Observatório Marta,⁴⁷ que também categorizou os principais assuntos presentes em notícias sobre mulheres no esporte em veículos de comunicação do Brasil. Isso nos permitiu uma maior aproximação com o jornalismo esportivo tradicional para, a partir disso, refletir as diferenças e semelhanças dos projetos em relação à cobertura midiática da modalidade.

A seguir, o Gráfico 1 traz o percentual de episódios com os temas citados na Tabela 2 em cada podcast:

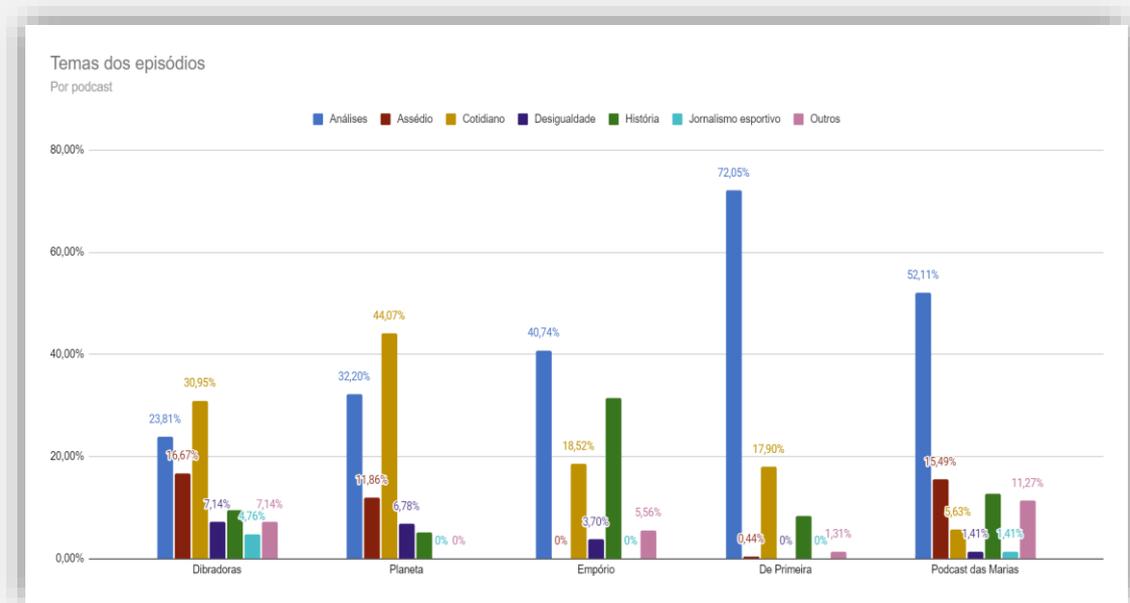


Gráfico 1 - Temas dos episódios por podcast. Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Sobre esses dados, identificamos a predominância dos episódios com foco em análises das competições e também em fatos do cotidiano da modalidade. Esse tipo de cobertura é bastante comum no jornalismo esportivo “tradicional” quando falamos da modalidade masculina. No entanto, se analisarmos apenas a cobertura do futebol de mulheres, percebemos que ainda há algumas lacunas nesse tipo de cobertura

⁴⁷ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 10.

que vai além das informações sobre os jogos ou convocações, por exemplo. Análises táticas, especulações sobre o mercado do futebol e balanços ao final de um torneio ou da própria temporada esportiva são exemplos desse tipo de narrativa que categorizamos aqui como “Análises” e que são muito comuns na modalidade masculina, mas que, no caso do futebol de mulheres, nos revela um dado interessante.

Além disso, esse é um crescimento que também vem acontecendo na mídia tradicional, como mostram os dados do Observatório Marta,⁴⁸ em que 30,5% das notícias analisadas no relatório são sobre a cobertura cotidiana. O estudo também demonstra que há um esforço, especialmente em veículos como Globo Esporte e UOL, de registrar o que acontece no futebol de mulheres, através de notícias sobre os resultados dos jogos, por exemplo.

Ainda sobre os temas dos episódios, destacamos que alguns podcasts se dedicam a assuntos que vão além dessa cobertura mais “tradicional”. É o caso do Dibradoras, com episódios que se encaixam na categoria que chamamos de “Jornalismo esportivo”, em que o foco principal é trazer reflexões sobre essa editoria do jornalismo, analisando as violências de gênero que as mulheres jornalistas vivenciam no exercício da profissão. Esse resultado está diretamente ligado ao que análises anteriores já haviam evidenciado sobre o Dibradoras, destacando o posicionamento do projeto enquanto um canal que além de trazer informações sobre o futebol de mulheres e demais modalidades, também busca contextualizar e revelar a dimensão estrutural das desigualdades de gênero no esporte e na mídia tradicional, por exemplo.⁴⁹

Destacamos também que alguns podcasts trazem como tema principal outros assuntos importantes ligados ao futebol, mas que muitas vezes não são amplamente abordados no jornalismo esportivo “tradicional”. É o caso dos episódios sobre assédio e desigualdade presentes no Podcast das Marias, por exemplo. Como a análise de Vimieiro e colegas⁵⁰ demonstra, o Podcast das Marias traz alguns episódios de resistência e que buscam refletir e questionar diversas formas de opressão que as mulheres vivenciam no estádio e até mesmo a invisibilidade que elas encontram ao

⁴⁸ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 16.

⁴⁹ LIMA; JANUÁRIO; LEAL. “Dibrando” a mídia hegemônica, p. 20.

⁵⁰ VIMIEIRO et al. É mais que preconceito!, p. 4.

jogarem futebol. Isso também reflete na categorização dos episódios do podcast, que mostra que 15,49% do número total de produções tem como foco denúncias ou reflexões sobre situações de violência.

Apesar de não tematizar especificamente as violências de gênero vivenciadas pelas jogadoras e/ou outras pessoas envolvidas no futebol de mulheres, como comissão técnica e arbitragem, é válido ressaltar que, de modo geral, os episódios dessa categoria relatam e questionam situações de violência de gênero vivenciadas pelas próprias produtoras do podcast e também por pessoas conhecidas. Em um episódio, por exemplo, elas tematizam o machismo e a LGBTQIA+fobia presentes no futebol, trazendo fontes como mulheres que participam da Grupa,⁵¹ um movimento de torcedoras do Atlético Mineiro que se posiciona contra a discriminação racial e de gênero no futebol. Essa presença não só de fontes nos episódios sobre assédio e discriminação, mas também da presença de mulheres na produção demonstra o que Almeida e colegas⁵² destacam para uma discussão mais diversificada e representativa sobre esse tipo de temática.

Ainda sobre os temas relacionados a assédio e discriminação, de modo geral, percebemos que os podcasts produzem episódios específicos sobre temas ligados aos direitos das pessoas LGBTQIA+ em datas específicas, como no Dia Internacional do Combate à LGBTQIA+fobia. Em alguns casos, notamos a presença de algumas fontes ligadas ao esporte que são pessoas LGBTQIA+ e também de torcedores para relatarem as suas experiências no ambiente esportivo. Já em relação a outros tipos de assédio e discriminação, como racismo e machismo, identificamos que os episódios retomam esses assuntos em momentos específicos, especialmente quando alguma jogadora ou membros da comissão técnica ou do próprio jornalismo esportivo vivenciam esse tipo de situação. No entanto, é válido ressaltar que esses assuntos geralmente são tratados com um enquadramento mais episódico que, como veremos posteriormente, não busca aprofundar essas questões, algo que também é comum no jornalismo esportivo.

⁵¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/grupagalo/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

⁵² PILAR et al. *Mídia, violência, gênero e esporte*, p. 10.

Outro ponto a se destacar é a presença de episódios que falam sobre a desigualdade que as jogadoras enfrentam no futebol. Em termos percentuais, o Dibradoras é o podcast que mais trouxe esse tema para o foco dos episódios, destacando o problema estrutural que envolve não só a modalidade, mas também outros espaços que estão ligados ao futebol, como o próprio jornalismo esportivo, discutindo sobre como o conhecimento das jornalistas que fazem parte da editoria de esportes são sempre alvo de dúvidas, piadas e questionamentos.⁵³ Além do Dibradoras, identificamos alguns episódios que questionam a falta de investimento no futebol de mulheres no Planeta Futebol Feminino, no De Primeira e no Podcast das Marias. A presença dessa temática, especialmente no Dibradoras e no Podcast das Marias, é bastante elucidativa quando pensamos no cenário atual do futebol de mulheres, a partir das mudanças que apresentamos no começo deste trabalho.⁵⁴ Ademais, esse tipo de narrativa é muito importante quando pensamos nas representações anteriores, em que as mulheres eram relacionadas a papéis heteronormativos⁵⁵ e idealizados.⁵⁶ Principalmente nesses dois projetos, as representações sobre as mulheres perpassam outros tipos de narrativas, em que elas são colocadas no centro do debate, falando sobre questões relacionadas à desigualdade de gênero e aos problemas estruturais da modalidade.

Outra temática presente nos podcasts é o que chamamos de categoria “História”. Esses episódios recontam acontecimentos históricos da modalidade, de algum torneio específico, de atletas ou membros da comissão técnica, por exemplo. Assim, com o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio em virtude da pandemia de Covid-19, a Rede Globo, emissora detentora dos direitos de transmissão dos Jogos no Brasil, realizou uma cobertura com conteúdo sobre histórias de vida dos atletas, buscando resgatar a memória destes e também de ex-atletas e de outras pessoas envolvidas em Jogos anteriores.⁵⁷ Nesse sentido, assim como essa estratégia foi ado-

⁵³ Episódio 12: O combate diário ao machismo no jornalismo esportivo. Dibradoras. Disponível em: <https://shre.ink/l2ET>. Acesso em: 22 nov. 2022.

⁵⁴ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 9.

⁵⁵ MÜHLEN; GOELLNER. Jogos de gênero em Pequim 2008, p. 165.

⁵⁶ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Registros do futebol feminino na revista *Placar*, p. 99.

⁵⁷ OLIVEIRA; THOMÉ. Os Jogos do Recomeço, p. 1.

tada pela emissora, percebemos aqui a presença de episódios que retomam momentos marcantes do futebol de mulheres como uma forma de “preencher” uma lacuna deixada pela falta de jogos após o cancelamento das competições pelo agravamento da pandemia.

Por fim, apesar da pouca incidência de episódios categorizados como “Outros”, destacamos o Podcast das Marias, que possui o maior número de episódios com esse tema – oito dos 71. Os temas são variados, mas percebemos um ponto em comum: discussões sobre assuntos que vão além do futebol praticado em campo,⁵⁸ como programa sócio-torcedor e as camisas lançadas pelo clube, por exemplo. É importante ressaltar que todos esses episódios que não se enquadram nas demais categorias foram publicados antes do Cruzeiro ter um time feminino, então o foco dos episódios era a modalidade masculina.

GÊNERO DAS FONTES E DE QUEM PRODUZ OS EPISÓDIOS DOS PODCASTS ANALISADOS

Um segundo movimento de categorização a partir da análise de conteúdo dos resumos dos episódios foi a identificação do gênero das pessoas responsáveis pela apresentação e pelos comentários. De modo geral, quase todos os programas são produzidos e comentados por mulheres, sendo que em alguns casos elas também compartilham a “bancada” dos episódios com homens. Esse era um dado já esperado, tendo em vista que o mapeamento geral dos projetos priorizou apenas projetos com mulheres na produção de seus conteúdos. Apesar disso, é importante destacar que esse é um cenário relativamente diferente do encontrado pela ISPS,⁵⁹ com apenas 8% das notícias assinadas por mulheres e mesmo dos dados mais atuais do Observatório Marta⁶⁰ com a porcentagem de 25,3% para o mesmo indicador.

Como o Gráfico 2 mostra (abaixo), o Dibradoras, um dos projetos mais relevantes no que diz respeito à produção de conteúdo sobre as mulheres no esporte, se

⁵⁸ VIMIEIRO et al. *É mais que preconceito!*, p. 11.

⁵⁹ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 5.

⁶⁰ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 36.

destaca como um podcast que possui apenas mulheres na apresentação e nos comentários. Criado em 2015, o projeto está presente em outras redes sociais e também possui site próprio dedicado à cobertura das mulheres no esporte. É válido ressaltar que esse protagonismo das mulheres no podcast é um reflexo do propósito do Dibradoras, que busca promover a participação das mulheres no ambiente do jornalismo esportivo, conforme elas descrevem no site do projeto, como uma tentativa de romper os próprios estereótipos dominantes em relação à presença de mulheres no meio esportivo, uma editoria ainda tão marcada pela predominância dos homens.⁶¹

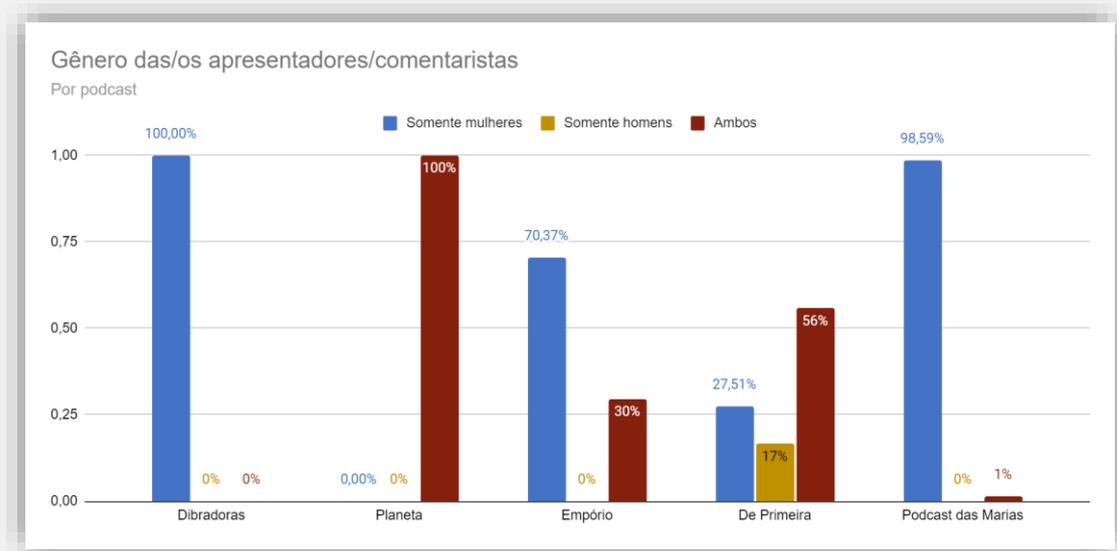


Gráfico 2 - Gênero das/os apresentadores/comentaristas dos podcasts
Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Destacamos também o Planeta Futebol Feminino, outro grande projeto que realiza a cobertura sobre o futebol de mulheres no Brasil e no mundo, e que possui homens e mulheres em todos os episódios disponíveis na plataforma de streaming que utilizamos para a análise. No Planeta e também no De Primeira - Futebol Feminino, encontramos mais episódios que contam com homens e mulheres na apresentação e comentários.

Na sequência, observamos a presença ou a ausência de fontes nos podcasts selecionados (Gráfico 3). Tal análise é importante, tendo em vista que o jornalismo esportivo “tradicional” geralmente não utiliza muitas fontes e, quando utiliza, geralmente dá

⁶¹ LIMA; JANUÁRIO; LEAL. “Dibrando” a mídia hegemônica, p. 20.

preferência aos homens, como aponta a pesquisa ISPS,⁶² por exemplo, em que 26% das notícias analisadas não tinham nenhuma fonte e 41% só citavam uma fonte.

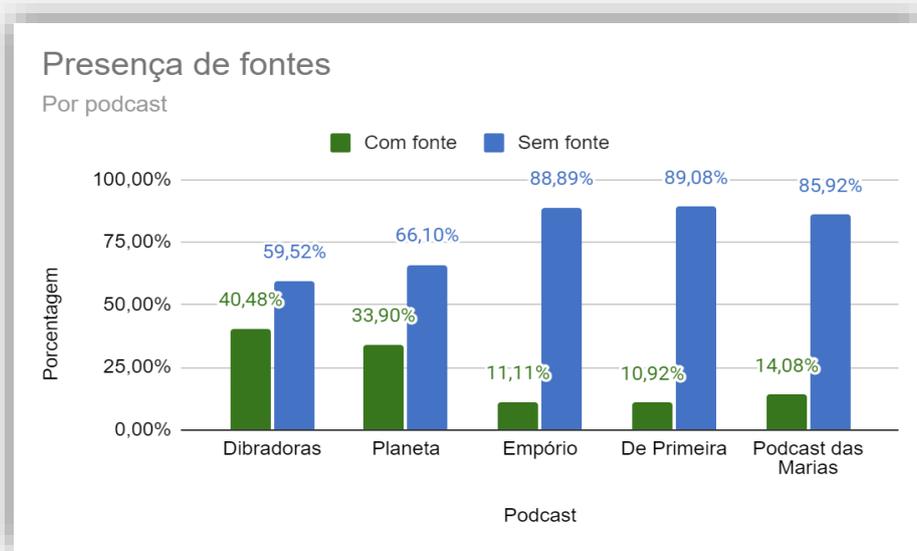


Gráfico 3 - Presença de fontes por podcast.
Fonte: Elaborado pela autoras (2023).

No caso dos podcasts sobre o futebol de mulheres, no geral, a presença de fontes ainda é relativamente baixa. Em relação aos episódios que possuem fontes, encontramos uma predominância de atletas, ex-atletas, membros de comissão técnica e membros da arbitragem brasileira.

Em um segundo momento, analisamos o gênero das fontes. Nesse caso, 48 dos 78 episódios que possuem alguma fonte tinham apenas mulheres, o que representa 61,54%, demonstrando que as mulheres são mais ouvidas nesses projetos, o que também demonstra uma certa diferença em relação ao jornalismo mais tradicional. No caso dos veículos analisados pelo Observatório Marta,⁶³ por exemplo, 55,2% das notícias tinham fontes femininas, enquanto 21% tinham a presença de fontes masculinas.

Além disso, destacamos mais uma vez a importância do projeto Dibradoras, que além de ter um alto percentual de episódios com fontes, também ouviu mais mulheres do que homens, especialmente sobre temas relacionados à desigualdade

⁶² ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p.6

⁶³ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 36.

de gênero no futebol, como mais um exemplo do caráter ativista e de resistência das mulheres que falam sobre o futebol de mulheres.⁶⁴

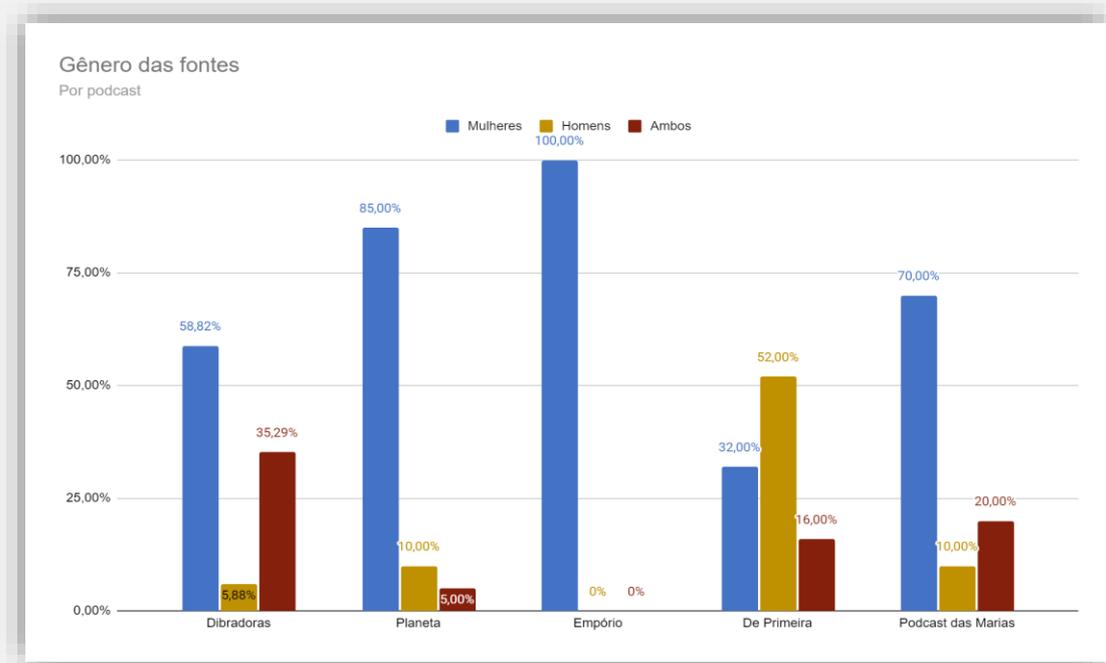


Gráfico 4 - Gênero das fontes. Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

ENQUADRAMENTO E MODALIDADES EM FOCO

Outro aspecto considerável para compreender as nuances desses podcasts diz respeito ao tipo de enquadramento utilizado em cada episódio, como uma forma de utilizar categorias próprias do jornalismo para analisar a cobertura do futebol de mulheres. Nesse sentido, verificamos que a maioria dos episódios possui um enquadramento episódico, em que os assuntos em foco são apenas relatados. Isso acontece porque a grande maioria é dedicada apenas à cobertura do dia a dia da modalidade, como mostramos anteriormente no gráfico sobre os temas em foco. Nesse sentido, o grande volume de episódios sobre o cotidiano, com análises táticas dos jogos, por exemplo, também reflete na categorização do enquadramento.

⁶⁴ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 9.

Ainda assim, é importante destacar que o número total de episódios com enquadramento temático (39,56%, 180) é superior aos dados do levantamento do Observatório Marta,⁶⁵ em que 27,7% das notícias analisadas utilizavam esse tipo de enquadramento, o que também demonstra como o jornalismo esportivo “tradicional” geralmente foca apenas no que acontece dentro do campo, conforme apresentamos anteriormente.

Quando olhamos especificamente para os tipos de enquadramento mais utilizados em cada podcast, percebemos que o único que possui mais episódios com um enquadramento temático é o Podcast das Marias. Muitos episódios deste projeto são dedicados à discussão e à reflexão sobre a mulher no meio do futebol, especialmente como torcedora. Como apontam pesquisas sobre o projeto,⁶⁶ o podcast é um exemplo de projeto que busca “resistir às opressões que demarcam as experiências do torcer e do ‘falar’ sobre o esporte”.⁶⁷

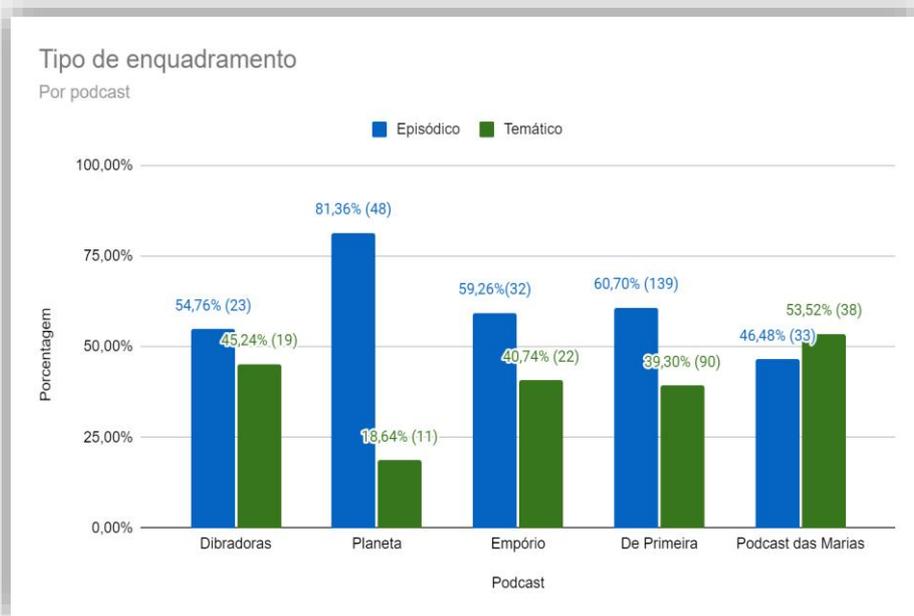


Gráfico 5 - Tipo de enquadramento por podcast.
Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

⁶⁵ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 28.

⁶⁶ VIMIEIRO et al. *É mais que preconceito!*, p. 13.

⁶⁷ VIMIEIRO et al. *É mais que preconceito!*, p. 13.

Em relação aos demais projetos, com exceção do Planeta Futebol Feminino, percebemos que, apesar da predominância dos episódios com enquadramento episódico, uma boa parte do quantitativo total também busca refletir sobre os temas de forma mais aprofundada, a partir de um enquadramento temático. Já no caso do Planeta, os poucos episódios com um enquadramento temático são dedicados a temas como racismo, xenofobia e assédio.

Por fim, apesar do trabalho ter como foco analisar a forma com que os podcasts fazem uma cobertura sobre o futebol de mulheres, observamos que alguns deles também se dedicam a outras modalidades esportivas. No caso do Dibradoras, por exemplo, outras duas modalidades muito presentes são o judô e o basquete. Já o Planeta Futebol Feminino possui 11 episódios que falam de futebol e também de futsal, modalidade que também aparece no Empório.

No caso do Podcast das Marias, apenas um episódio também fala do vôlei do Cruzeiro, modalidade praticada apenas por homens no clube mineiro. É importante ressaltar também que, dos 71 episódios, 68 falam sobre o futebol masculino e 44 são dedicados apenas a essa modalidade, pois o podcast foi criado em 2018, quando o Cruzeiro ainda não tinha uma equipe feminina. A partir de 2019, quando o clube passou a investir no futebol de mulheres, 26 episódios tiveram a modalidade como foco, trazendo diferentes reflexões conforme apontamos anteriormente. Por fim, o De Primeira, como o próprio nome e a descrição do podcast apontam, não tem nenhum episódio dedicado a outra modalidade para além do futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos ao longo deste trabalho, o futebol de mulheres tem avançado ao longo dos últimos anos, não só do ponto de vista do jornalismo esportivo que historicamente invisibiliza não só o futebol, como também as demais modalidades esportivas praticadas por mulheres. Nos últimos anos, especialmente durante e depois da Copa do Mundo de 2019, vivenciamos alguns marcos importantes como o primeiro jogo da Seleção Feminina sendo transmitido pela TV aberta, além de novos formatos

e canais de transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino⁶⁸ e a igualdade de pagamentos para as jogadoras da Seleção.⁶⁹

Nesse contexto, identificamos a importância das experiências de comunicação consideradas alternativas para o registro e a cobertura da modalidade, feita a partir de diferentes formatos e com objetivos diversos, alguns mais específicos em relação à narrativa do futebol, se assemelhando ao que o próprio jornalismo esportivo faz com o futebol masculino. Já em outros casos, identificamos uma tentativa de trazer temas que vão além do campo, com episódios sobre a história da modalidade e também sobre dinâmicas de invisibilidade e de falta de incentivo vivenciadas pelas jogadoras.

Dessa forma, de modo geral, buscamos refletir sobre esses projetos, ou seja, o que eles produzem, como produzem, quais são os principais temas, os principais formatos e se eles se diferenciam de alguma forma do jornalismo esportivo tradicional.

Em primeiro lugar, a análise nos permitiu compreender que existe uma variedade de temas em foco nesses podcasts, alguns com maior frequência, como os que foram categorizados aqui como “Cotidiano” e “Análises”, que se dedicam a uma cobertura mais rotineira do futebol de mulheres e, no caso da segunda categoria, uma análise mais específica dos times, convocações e torneios, o que já faz parte do jornalismo esportivo tradicional. No entanto, no caso do futebol de mulheres, é válido destacar que essa é uma narrativa diferente e que demonstra uma certa mudança em relação ao jornalismo tradicional, já que, na maioria das vezes, a modalidade feminina não tem uma cobertura mais detalhada e analítica como a que identificamos nesses episódios. Temas menos frequentes também apareceram, como a categoria “História”, que esteve muito presente no contexto da pandemia de Covid-19, e também relacionados à desigualdade de gênero existente no futebol e sobre casos de assédio e discriminação.

Na análise, também buscamos identificar o gênero de quem produz e quem comenta os podcasts, além da presença ou ausência de fontes. De modo geral, a presença das mulheres é maior do que a de homens, especialmente porque o objetivo

⁶⁸ VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020).

⁶⁹ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 9.

inicial do projeto era mapear apenas as experiências de comunicação independentes que fossem produzidas por mulheres. Já no caso das fontes, todos os podcasts possuem mais episódios sem a presença de fontes, o que também é algo comum no jornalismo esportivo tradicional,⁷⁰ e a maioria dos episódios que identificamos contam com a presença de uma fonte feminina.

O trabalho também mostra que os podcasts possuem mais episódios com enquadramento episódico do que episódios com enquadramento temático, que traz uma abordagem mais aprofundada dos temas. Também identificamos que alguns podcasts trazem informações sobre outras modalidades, como futsal, basquete e vôlei.

Falando especificamente sobre cada podcast analisado, identificamos semelhanças entre o Dibradoras, o Empório e o Podcast das Marias, já que os três são produzidos majoritariamente por mulheres. De certa forma, isso também reflete no gênero das fontes utilizadas nos episódios, já que eles possuem mais mulheres do que homens nos episódios com fontes. No caso dos temas dos podcasts, percebemos que o Dibradoras e o Podcast das Marias são os podcasts que mais possuem episódios com algum tipo de reflexão sobre situações de assédio no futebol, seja com jogadoras, comissão técnica, arbitragem ou pessoas que fazem parte do jornalismo esportivo, conforme pesquisas anteriores já haviam apontado.⁷¹

Sobre os outros projetos analisados, destacamos as semelhanças entre o De Primeira e o Planeta Futebol Feminino, que possuem uma diversidade maior na apresentação e nos comentários dos programas. Ambos possuem uma lógica de produção muito parecida, com um esforço maior em episódios com foco no cotidiano da modalidade e em análises táticas, além do protagonismo dos homens na produção dos dois podcasts, especialmente no começo, em 2020. Já nos anos seguintes, percebemos uma mudança em relação ao gênero de quem produz e quem comenta os episódios, mas em relação aos temas e aos enquadramentos utilizados, o foco dos dois podcasts continua sendo essa cobertura do dia a dia da modalidade.

⁷⁰ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 1.

⁷¹ FIRMINO. Empoderamento e relações de poder, p. 37. VIMIEIRO et al. É mais que preconceito!, p. 4. LIMA; JANUÁRIO; LEAL. “Dibrando” a mídia hegemônica, p. 7.

Dessa forma, concluímos que esses podcasts apresentam novas narrativas sobre o futebol de mulheres, tanto do ponto de vista das lógicas de produção, já que a maioria desses projetos contam com o mínimo de apoio, quanto do ponto de vista dos conteúdos, pois, embora muitas das temáticas já sejam identificadas em trabalhos que olham para a própria mídia tradicional, identificamos um discurso diferente, tendo em vista que são projetos voltados totalmente para o futebol de mulheres, representando, inclusive, um caráter de resistência.⁷² Assim, destacamos a importância de iniciativas como essas, que contam a história do futebol de mulheres no Brasil, considerado o “país do futebol”, mas que, historicamente, invisibiliza, do ponto de vista estrutural e também cultural, as mulheres que praticam a modalidade.

* * *

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEZERRA, P. R. M.. **O futebol midiático**: uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Cásper Líbero, São Paulo, 2008.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais), FGV-Rio de Janeiro, 2019.
- BOYLE, Raymond. **Sports journalism**: context and issues. London, England: Sage, 2006.
- BRUCE, Toni; HOVDEN, Jorid; MARKULA, Pirkko. Key themes in the research on media coverage of women's sport. In: _____. **Sportswomen at the Olympics**: a global content analysis of newspaper coverage. Rotterdam: Sense Publishers, p. 1-18, 2010.
- CAFEO, Marta Regina Garcia. **Guerreiras ou meninas**: análise das representações das atletas olímpicas na cobertura da “Rio 2016” realizada pelo jornal *O Globo*-Rio. Tese (Doutorado em Comunicação), Unesp, Bauru/SP, 2019.

⁷² GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 1.

COOKY, Cheryl; MESSNER, Michael A.; HEXTRUM, Robin H. Women play sport, but not on TV: A longitudinal study of televised news media. **Communication & Sport**, v. 1, n. 3, p. 203-230, 2013.

COSTA, Leda Maria da. Marta versus Neymar: a “Guerra dos Sexos” nos Jogos Olímpicos 2016. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2019.

D’ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz**, v. 17, p. 93-103, 2011.

EUGÊNIO, Flaviane R.; SOUZA, Rafaela C. de; VIMIEIRO, Ana Carolina. Análise da cobertura midiática alternativa sobre o futebol feminino. 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, João Pessoa. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2022.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho et al. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 17, n. 1, p. 117-127, 2011.

FIRMINO, Carolina. Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto “Dibradoras”. **FuLiA/UFMG**, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2019.

FIUZA, Nathália; PRADO, Denise. Mulher no telejornalismo esportivo: A construção de sentidos no programa Olhar espnW. VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo: SBPJOR, p. 1-16, 2018.

FORTES, Rafael. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 18, n. 2, 2011, p. 598-614.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, 2021.

GONÇALVES, Eduarda dos Passos. **O futebol de mulheres na mídia: a cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2019 nos portais Globoesporte.com e Dibradoras**. Dissertação (Mestrado em Educação), Florianópolis, 2021.

ISPS. **First Results of the Internacional Sports Press Survey 2011**. Prof. Dr. Thomas Horkey/Dr. Jörg-Uwe Nieland, Colônia, 3.10.2011.

JOHN, Valquiria Michela. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 498-509, 2014.

LEAL, Daniel Felipe de Oliveira. **Noticiabilidades na Placar**: a mutação dos valores-notícia em três décadas de cobertura do futebol de mulheres. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFPE, Recife, 2020.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; JANUÁRIO, Soraya Barreto; LEAL, Daniel Felipe de Oliveira. “Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres, **Intercom**, v. 45, 2022.

LOSIVI, Pedro. Popularidade do podcast sobe no isolamento social. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/l2gv>. Acesso em: 14 mar. 2023.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, 2008.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re) produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, 165-184, 2012.

OBSERVATÓRIO MARTA, **Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte**, 2021. Disponível: <https://observatoriomarta.com/2022/02/18/relatorio-2021/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

OLIVEIRA, Ana Carolina Campos de; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Os Jogos do Recomeço: história, memória e nostalgia como estratégias na narrativa da cobertura pré-olímpica dos Jogos de Tóquio. 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, João Pessoa. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2022.

PILAR, O.; VIMIEIRO, A. C. S. C.; GARCEZ, R. L. O.; HAUBER, G.; MENDONCA, R.. **Mídia, violência, gênero e esporte**: análise da cobertura noticiosa dos casos de violência sexual envolvendo Cuca e Robinho. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social), UFMG, 2022.

ROGERS, Richard. Digital Methods for Web Research. In: SCOTT, Robert A.; KOSSLYN, Stephan M. (Org.). **Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences**. Hoboken, NJ, USA: John Wiley & Sons, Inc., 2015, p. 1-22.

ROWE, David. Sports journalism: still the “toy department” of the news media?, **Journalism**, v. 8, n. 4, p. 385-405, 2007.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013a.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista *Placar* na década de 1990. **Sociologias Plurais**, v. 1, n. 1, 2013b.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Registros do futebol feminino na revista *Placar*: 30 anos de história. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016.

TOFFOLETTI, Kim. Analyzing media representations of sportswomen— Expanding the conceptual boundaries using a postfeminist sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016.

VIEIRA, Talita Machado; RODRIGUES, Joyce Cristina. Fora de jogo?. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, p. 112-122, 2021.

VIMIEIRO, Ana Carolina; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Campanhas cívicas e protestos de torcedores: em análise, a politização do futebol. **Esferas**, n. 10, 2017.

VIMIEIRO, Ana Carolina; BARGAS, Janine de Kássia Rocha. O uso de dados e métodos digitais nas pesquisas em comunicação. **Revista Famecos**, v. 26, n. 2, p. e32473-e32473, 2019.

VIMIEIRO, Ana; CLEMENTINO, Alice; SILVA, André; CARMO, Giovana; QUINTELA, Guilherme; CARVALHO ALVES, Luiz; ANDRADE, Maria. É mais que preconceito! Dimensões da opressão de gênero no esporte a partir da análise do Podcast das Marias. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2020.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; PILAR, Olívia. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2021.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; PILAR, Olívia. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): Reflexões a partir da Comunicação. **Revista Eco-Pós** (no prelo).

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 1º jul. 2023.